

O Especialista

Se eu estava nervosa? Isso seria dizer nada, porque eu estava apavorada, aterrorizada, eu não queria morrer, não ainda, só dezoito anos neste mundo era pouco, eu achava que tinha uma vida inteira pela frente, um destino melhor deveria ter sido traçado para mim, foi isso o que eu sempre pensei de mim mesma, eu nada tinha aproveitado da vida, esse mundo ainda me devia muito, devia demais, devia tudo, mas eu tinha de fugir, fugir, eu só podia pensar em fugir, entende? Eu estava só e só me restava fugir. Ou tentar fugir, já que dele, do Especialista, ninguém escapa.

Como eu poderia fugir carregando aquele segredo? E como eu poderia me livrar do segredo? De que modo eu poderia esquecê-lo como se jamais tivesse ouvido nada, sabido de nada, presenciado nada? Não, ninguém consegue esquecer o que sabe só pela simples vontade de esquecer, ou melhor, de nunca ter sabido. É impossível voltar no tempo e deixar de ter estado no lugar errado, na hora errada, para ficar sabendo de alguma coisa tão errada, difícil até de ser imaginada, nem em sonhos...

O que eu gostaria era arrancar aquele segredo da minha cabeça, como se extirpa um tumor, como se arranca um dente podre, como se amputa um membro gangrenado! Ah, eu agora carregava dentro de mim um segredo que poderia destruir para sempre a Organização! Carregava como se estivesse grávida, como se o segredo fosse um feto inseminado em mim por um demônio, a retorcer-se em espasmos dentro do meu útero... Ah, se eu pudesse abortar esse segredo, esse feto destinado a destruir o organismo hospedeiro... Sim, o segredo poderia destruir a Organização, mas o conhecimento do segredo era o bastante para destruir a mim, para abreviar minha curta vida num estalar de dedos.

Eu queria viver, e só o que me restava era continuar fugindo e tentar sobreviver o maior tempo que pudesse tendo de carregar aquele segredo como um alvo pintado nas costas, onde ele pudesse fazer pontaria com a certeza de apagar o segredo de minha memória junto com a minha vida... Junto com a minha vida, com a minha vida...

Tola que fui! Já sem ninguém para me prover, depois da morte de mamãe, eu achava que era forte, que era uma fortaleza impenetrável em corpo de menina. Tola! E que minha força de vontade e minha garra de tudo me protegeriam!

Tola! Tola! Achava que seria possível mudar-me para a cidade grande e, apenas com

minha tenacidade, morando em um modesto pensionato, trabalhando sem descanso, economizando tostões e investindo tudo em meu futuro, estudando como uma louca, pouco dormindo, eu achava.... Sim, eu achava que poderia conquistar minha completa independência.

Tola! Tola! Tola! Nem rapazes, não, nem rapazes eu deixava entrar em minha vida, não queria ninguém que me dominasse, como mamãe havia deixado que tantos homens controlassem a sua pobre vida. Pobre mamãe! Não! Eu não haveria de deixar que aquilo se repetisse comigo, ah, não! Por isso, eu precisava ser melhor do que todos, desconfiar de tudo, tinha de saber mais do que todos da minha idade e...

Preparar-me melhor para o futuro? Para subir na vida? Bom, isso acabou acontecendo sim, e logo resultou na sorte de, tão jovem, ser escolhida para aquele emprego na Organização. Sorte grande! Dinheiro bom, tinha valido a pena ter lutado tanto para poder transformar-me numa peça quase insubstituível para eles. A Organização era respeitada e admirada por todos, mundialmente. Era o lugar mais desejável do mundo para alguém como eu fazer parte. O salário era bom demais, o dinheiro entrava... então, por que o acaso tinha de me escolher? Eu, eu, que jamais fui bisbilhoteira! A vida dos outros, os negócios dos outros nunca tinham significado nada para mim... Eu, eu, que era só e queria ser só, independente... Eu tinha aprendido a lutar, não precisava do acaso para me ajudar, muito menos que ele viesse para cavar minha sepultura. E cavou-a bem fundo, ao me fazer tomar conhecimento daquele segredo. Minha própria sepultura... eu sabia que ela já estava virtualmente aberta, à minha espera. Agora só faltava o último ato do Especialista, para que meu cadáver a preenchesse.

A única esperança era mesmo tentar escapar do Especialista. Mas como escapar dele? A quem recorrer? Quem poderia me ajudar? A quem eu poderia pedir socorro? Família? Não tinha ninguém. Amigos? Nenhum. Um namorado? Já disse que nenhum existia. Nada! Ninguém! Por isso, quando vi que um dos diretores havia percebido que eu sabia de tudo, na hora eu fugi, nem adiantaria ter corrido atrás dele, cair em prantos, implorar pela vida e jurar de joelhos que jamais revelaria o segredo, que o segredo haveria de morrer comigo, porque... Bem, porque eles aceitariam minha promessa imediatamente e tratariam de "ajudar-me" a cumpri-la naquele mesmo instante... Procurar a polícia? Mas, como? Poderosa como era a Organização, na hora em que eu entrasse em alguma delegacia, a primeira coisa que a polícia faria seria entregar minha vida de mão beijada para eles. Aquilo tinha até

mais poder do que o governo! A polícia certamente estava nas mãos da Organização, na certa era comprada e dominada pela Organização. A Organização, que o havia contratado para me matar... Ele! O Especialista, o matador que nunca falha, que nunca é descoberto, que nunca deixa para trás uma encomenda. Ele.

Aos poucos, eu havia começado a perceber que os negócios da Organização não eram tããõ dentro da lei quanto eu imaginava. Desconfiei, desconfiei sim. Uma coisa aqui, outra ali, uma conversa entreouvida, correspondências secretas circulando em envelopes lacrados... Mas fiquei quieta, procurei não pensar nisso e continuar com o meu trabalho, sem fazer perguntas. Afinal de contas, onde eu arranjaria outro emprego como aquele? Minha função aparentemente nada tinha de ilegal, eu havia me tornado uma profissional eficaz e fazia meu trabalho de um modo que deixava os diretores muito satisfeitos. É lógico que eu deveria desconfiar que aqueles funcionários abrutalhados, enormes, não eram o que se esperava encontrar numa empresa séria. Deveria também desconfiar daquele meu salário, muito acima da média do mercado. Deveria facilmente concluir que o que algumas planilhas registravam não eram simples operações de importação e exportação dessas que saem nos cadernos de economia dos jornais. No íntimo, é claro que eu tinha de desconfiar, mas afastava as suspeitas, porque aceitá-las poderia significar problemas para mim. Porém, mesmo tentando ser cega e surda, mesmo procurando ser o mais discreta possível, a realidade é que nossos ouvidos não têm pálpebras. E eu ouvia muito mais do que gostaria de ouvir, ficava sabendo muito mais do que gostaria de saber.

Foi assim que tomei conhecimento da existência dele. Do Especialista. Aos poucos, aqui e ali, o Especialista era citado sempre como a solução para algum problema que parecia não ter solução. Cheguei a ouvir telefonemas que acabavam assim, ao serem desligados:

- ... acabar com ele!
- O jeito vai ser chamar o...
- Tudo resolvido. Ele aceitou a tarefa, e ele nunca falha!
- Sim, é um especialista!

Ou conversas sussurradas...

– ... sorte podermos contar com esse especialista... ufa, dessa nos livramos... e ninguém vai saber como foi feito... ah, ah, ah... ele nunca falha... nunca falha... nunca falha...

Ele nunca falha! Isso foi uma, duas, três vezes, e eu até que por algum tempo es-

perei que o tal homem infalível, aquele que era capaz de resolver problemas insolúveis, aparecesse no edifício, até talvez já tivesse aparecido, poderia ser qualquer um daqueles visitantes silenciosos, que sumiam porta adentro da diretoria para reuniões que ninguém sabia do que tratavam.

Não, eu não conhecia nem a cara nem tinha ideia do nome do meu algoz. Só sabia, só tinha certeza de que o Especialista era o carrasco encarregado da minha execução. Como eu sabia? Soube aos poucos, soube sem querer saber, soube pescando aqui e ali uma ou outra conversa, uma ou outra alusão, coincidentemente sempre que havia alguma contrariedade ou algum dissabor a pôr em risco os interesses da Organização. Foi assim que, aos poucos, fui descobrindo em que aquela personagem era “especializada”. Em eliminar os problemas, era isso! Em fazer com que os problemas deixassem de existir, fisicamente! Ah, eu não sou burra, não sou, logo intuí a verdade: aquele homem sem cara e sem nome era o assassino infalível, que eliminava opositores e concorrentes sem deixar vestígios, sem falhar nunca!

Ai, e eu, eu que jamais sonharia em opor-me aos interesses da Organização, era agora a próxima tarefa do Especialista! Ele, o Especialista que... Sei que estou me repetindo, como se delirasse, e eu estava quase delirando, sim, mas de medo. Em mim, durante cada uma daquelas últimas horas, só havia espaço para o medo, o medo que viera substituir a esperança que antes me apontava para um futuro cor-de-rosa...

Eu fechava os olhos, tentava não pensar em nada que me pusesse em risco, procurava enxergar dentro de mim o letreiro róseo, piscando em néon, que anunciava o futuro que eu havia de conquistar, mas não havia como evitar o momento final, o momento fatídico, a cilada do acaso que haveria de me laçar pelo pescoço...

Por que eu tinha de ter estado lá, justo naquela hora? Por quê?! Como eu poderia ter adivinhado que aquela hora seria o pior momento para aproximar-me da porta da sala da diretoria? Para parar por um momento, à porta, ao ouvir vozes? Para estar lá, para prestar atenção, de ouvidos arregalados como olhos, coração aos pulos, e ficar sabendo daquele segredo? Ah, se eu pudesse adivinhar de modo a evitar aquela cilada do acaso! Ah, se eu tivesse na ocasião uma bola de cristal! Ah, se eu agora possuísse uma máquina do tempo para voltar atrás e nunca ter estado lá!

Isso foi há apenas dois dias. Foi na segunda, isso, na segunda. Era quase fim do expediente, a porta da diretoria estava entreaberta e ouvi uma conversa telefônica em que

um preço era combinado. Depois, murmúrios difíceis de compreender e, por fim, justo a frase principal, a revelação, esta que entrou-me clara pelos ouvidos, cristalina, terminada por um alerta:

– Mas isso é segredo, hein? Ninguém pode saber de nada. O futuro de nossa organização depende do sigilo mais absoluto a esse respeito!

Na hora, a revelação explodiu-me como uma bomba: Horror! Mas eu tinha de manter o emprego, tinha de esquecer o que ficara sabendo sem querer. Resolvi que tinha ouvido errado, que me confundira, que tudo não passava de uma negociação normal, nada grave, eu estava imaginando coisas, imagine se aqueles diretores iriam planejar uma coisa daquelas...

Mas foi ontem que, ai, foi ontem que tudo se confirmou e eu... e eu, sem querer, entreguei-me como uma idiota! Pela manhã, cheguei normalmente para o trabalho, como sempre carregando a mochila com a muda de roupas que eu trocava para as aulas da noite, na faculdade. À minha espera, na portaria, já estavam os jornais do dia. Recolhi-os, como sempre, e entrei no elevador, para levá-los à sala dos diretores. Junto comigo entrou um deles, cumprimentei-o, ouvi o grunhido de costume como resposta e, distraidamente, meus olhos caíram na manchete de um dos jornais, onde estampava-se, aos berros de tinta preta, a notícia terrível! Foi ainda ontem, os noticiários da televisão não devem ter falado em outra coisa, eu não ouvi, pois na minha fuga, eu... Sem que pudesse me conter, a surpresa explodiu num gemido e meus olhos, na certa arregalados, revelaram ao diretor que eu de tudo sabia. Pela primeira vez na vida ele me encarou, sobranceiras franzidas, e nada disse. Quando a porta do elevador abriu-se, ele saiu apressado, sem uma palavra.

Meu coração subia pela garganta. Saí do elevador no andar seguinte e imediatamente desabalei escadas abaixo, correndo, corri como nunca havia corrido na vida! Corri sabendo que, àquela hora, o diretor já devia ter dado a ordem sinistra ao seu assistente:

– Ligue para o Especialista. Quero essa moleca morta!

Sim, eu já havia descoberto a razão pela qual a Organização aparentemente não tinha inimigos. Infelizmente eu estava certa: ele, o Especialista, o encarregado de apagar do mundo qualquer obstáculo humano que porventura ousasse afrontar a Organização, tinha agora uma nova tarefa. A partir daquele momento, passava a ser eu, a pequenina eu, que punha a Organização em risco! Eu, a pequenina eu, tinha me tornado o alvo da ação do Especialista! A partir daquele dia, eu, a pequenina eu, passara a representar o maior risco

para a existência da Organização. Um risco que tinha de ser apagado como uma criança que, com a borracha, apaga no caderno uma conta malfeita.

Eu só tinha a fuga como alternativa e achava que a cidade grande poderia me engolir, que eu poderia dissolver-me na multidão e escapar do Especialista, mas... Mas ele devia ter informantes em todas as partes e só morta eu estaria livre. Ai, como era difícil fugir da figura de um homem que nunca vi, de quem nem sabia a idade, de quem jamais tinha ouvido nem a voz, de quem eu nada sabia, a não ser que... que ele nunca falhava!

Mas era mesmo tarde demais para essas considerações. Nada mais havia a planejar. Só me restava continuar a fuga desesperada. Tive sorte ao sair do edifício da Organização, ninguém parecia ter me seguido e eu achava que tinha escapado, pelo menos por enquanto. É claro que eu não voltaria para o pequeno apartamento onde agora morava graças ao bom salário conquistado no emprego do qual agora estava fugindo. Logicamente aquele seria o primeiro lugar onde algum capanga da Organização me procuraria! Não, para lá eu não voltaria, mas não tinha outro lugar para ir. Vaguei pela cidade, entrei no metrô, desembarquei em diferentes estações, cheguei a entrar em um cinema, lá fiquei por algum tempo, no escuro, saí novamente... Andei sem rumo, sempre olhando em volta, sempre olhando para trás, desconfiando de cada pessoa que passava...

À noite, consegui ser aceita em um albergue de desvalidos e deitei-me junto com mendigas. Eu estava exausta mas, sobressaltando-me a cada ruído, naturalmente não consegui dormir. Durante toda a noite, olhos abertos, ouvi cada ronco e cada tossida das minhas pobres companheiras. Uma delas chegara bêbada e vomitara na cama. Por horas eu a ouvia gemer e revolver-se em cima dos lençóis vomitados. Senti aquele cheiro por horas, mas em meu cérebro não restava sequer um espaço para revoltar-me com o fedor. Cada pedaço do meu ser estava tomado pelo medo que ele representava.

Saí do albergue antes que o dia amanhecesse, antes de ser servido o café tão ansiado pelas minhas miseráveis companheiras de dormitório. Andava olhando para todos os lados, desconfiando de cada homem que me olhava, de cada expressão que não parecesse amigável. Mas, na cidade grande, todas as caras amanhecem mal-encaradas. Qualquer um daqueles homens poderia ser ele. Não, eu tinha de encontrar um jeito de desaparecer, de ir para bem longe, de colocar muitos quilômetros entre mim e ele.

Subi num ônibus e consegui chegar à estação ferroviária. Comprei a passagem

para o destino mais distante que estava sendo oferecido para partida naquela mesma hora. Nunca antes eu tinha viajado de trem, e talvez a estação não estivesse sendo vigiada... talvez... Minha vida dependia desse “talvez”. Só o acaso, só mesmo a sorte poderia me salvar. O mesmo acaso, a mesma sorte madrasta que me tinha posto a perder...

Um velho funcionário uniformizado indicou-me o vagão que correspondia à minha passagem e bateu continência, como se fosse um militar.

– Escolha qualquer cabine, mocinha. O trem vai sair bem vazio. Hoje em dia quase ninguém mais viaja de trem.

Embarquei, abraçada à mochila. O vagão estava “bem vazio”, como o funcionário havia informado, mas não estava totalmente vazio. As cabines, cada uma com assentos para seis pessoas, eram fechadas por portas envidraçadas. Dei uma olhada na primeira. Dois homens lá se acomodavam. Um deles poderia ser ele? Ora, isso não seria provável, pois o Especialista deveria estar me perseguindo, atrás de mim, e não à minha frente, antecipando-se aos meus passos. Mas o melhor era não arriscar nada.

Espiei dentro da segunda cabine. Um casal discutia irritadamente, atirando um ao outro frases entredentes que seriam berradas se não estivessem num local público. Aquela cabine também não servia. Eu tinha meus próprios problemas.

Pela janela do corredor do vagão, meus olhos passaram pela gare da estação e encontraram-se com outro olhar. Um homem alto, magro, estranhamente pálido, vestindo um terno comum, discreto, fixava os olhos em mim. Um olhar frio, impassível, determinado. Ele! Só podia ser ele!

Meu coração saltou no peito. Eu tinha o rosto quase totalmente coberto pela mochila e havia comprado num camelô uma touca de lã para esconder os cabelos. Só meus olhos estavam de fora. Será que ele tinha me descoberto somente pelo olhar? Teria me reconhecido? Como poderia ser? Ele na certa deveria ter recebido uma foto minha mas... mas seria assim tão fácil identificar-me por uma simples foto arquivada numa ficha do departamento de pessoal da Organização? Haveria outra foto? Talvez sim, talvez as fotos da festa de fim de ano, dos funcionários... E é claro que, se eu nunca o tinha visto pessoalmente, o mesmo valia para ele. E talvez...

Mas já não havia tempo para especulações. Eu não podia perder a vida por causa de algum incerto “talvez”. Em pânico, abri a porta de uma cabine qualquer e entrei, jogando-me encolhida no

banco junto à janela. Eu arfava, olhos cerrados, tentando dominar o medo.

Não. Eu ainda não tinha sido descoberta. Aos poucos consegui dominar-me e abri os olhos. A cabine estava vazia e as cortinas de ambos os lados estavam baixadas. Pronto. Pelo menos por enquanto eu estava salva.

Mas a solidão que eu havia conseguido naquela cabine durou pouco: a maçaneta começava a ser aberta. Uma coisa tão banal como o girar de uma maçaneta pareceu, para mim, naquele instante, uma eternidade. Lentamente, milímetro a milímetro, ela girava, sem qualquer ruído e sem nenhuma esperança. Pronto, estava tudo acabado. Encolhi-me, tentando fazer com que a mochila se transformasse num escudo que me cobrisse inteirinha, com os olhos fixos na maçaneta de metal dourado, como se ela fosse um punhal sendo desembainhado em câmara lenta por um vilão daqueles filmes antigos em branco e preto. Sim, ele tinha me reconhecido simplesmente com aquele rápido olhar na gare da estação e eu tivera o azar de esconder-me justo numa cabine vazia. Minha morte não teria testemunhas. Um especialista como ele traria por certo uma daquelas pistolas que não fazem barulho nos filmes... como é que se diz, mesmo? Com silenciador, isso, uma pistola com silenciador, é o que eles dizem nos filmes. Assim, para o meu assassino, era só girar a maçaneta. E a maçaneta girava, girava tão lentamente, que um observador, por mais atento que fosse, nem perceberia o movimento. Mas girava, já estava quase perpendicular ao chão e, em um segundo, eu veria de novo o olhar frio e determinado do homem pálido da gare da estação. Ele não perderia tempo. Bastaria esticar o braço, disparar e fechar silenciosamente a porta. Meu cadáver só seria descoberto dali a quilômetros, quando algum funcionário viesse picotar minha passagem. Mas eu já estaria picotada. Apenas uma vez, um picote certeiro, um buraquinho negro, bem no coração, através da mochila, porque ele nunca errava um alvo. Não adiantava mais olhar a maçaneta. Eu tinha tentado, não tinha? Mas eu era pequena demais, fraca demais, desprotegida demais. Era o fim, e não havia outro modo senão aceitá-lo. Cerrei os olhos, apertados, a espera do tiro... Estranhamente, pensei no que seria receber um tiro no peito. Seria sentir um pedaço de chumbo derretido a abrir caminho no tecido mole de meu seio, como uma lâmina em brasa calcada sobre um tablete de manteiga? Ou seria um impacto, como um coice, estilhaçando minhas costelas até explodir no coração? Ah, pensei novamente como seria cômodo se houvesse pálpebras também nos ouvidos, primeiro para que eu não tivesse ouvido o segredo, e agora para que

eu não tivesse de ouvir minha própria morte!

Mas, ainda que não quisesse, eu ouvia muito bem. E ouvi a porta abrindo-se tão lentamente quanto o girar da maçaneta. Além do ruído suave das dobradiças bem azeitadas, só dava para perceber um farfalhar de roupas e logo a porta se fechava. Sim. Ele tinha escolhido assassinar-me a portas fechadas. Seria mais seguro, sem dúvida. Ele poderia fazer pontaria com mais certeza e depois apalpar-me o pescoço para confirmar o cumprimento da missão. O tiro talvez não fosse no peito. Na certa seria no meio da testa, e talvez eu pudesse até sentir o calor da bala enfiando-se por dentro do meu cérebro, antes de morrer. A morte viria rápida, sem dúvida, e eu não haveria de sofrer. Conformei-me: era melhor assim. Sem pálpebras nos ouvidos, preparei-me para ouvir o disparo da arma, abafado pelo silenciador.

Mas não foi isso que ouvi. O que ouvi foi uma voz feminina, doce, que dizia:

– Bom dia, menina.

Abri os olhos, olhando alto, onde estaria a cabeça do assassino da gare da estação. Mas tive de baixar o olhar: de pé na porta da cabine, carregando uma valise de pano bordado, estava uma senhora miúda e gordota, que teria uma idade entre a de minha mãe e a de minha avó, se eu ainda tivesse alguma delas viva. Trajava um vestido leve, muito claro, quase rosa, com cinto do mesmo tecido, e um casaco de malha também fina. O colo do vestidinho era bordado com florezinhas delicadas, na certa um trabalho dela mesma, feito por aquelas mãozinhas que seguravam uma bolsa de crochê, bordada como a valise e como o colo do vestido. Os cabelos estavam cuidadosamente penteados, mas não eram tingidos, assumindo o grisalho sem qualquer vergonha.

Nem sei como estou descrevendo assim, detalhadamente, aquela simpática senhora, porque minha ideia estava fixa no pavor que me perseguia, na sentença de morte que já tinha sido assinada. Talvez eu esteja contando o que apenas imaginei, talvez descrevendo o que se espera dos figurinos das velhinhas, porque na verdade eu não devo ter prestado grande atenção à sua figura. Mas lembro-me muito bem de seus olhos claros, francos, baixando-se docemente para mim e sorrindo-me um “bom dia”. Nunca poderia esquecer daquele olhar, levemente envidraçado por um par de óculos sem aros, tão leves que faziam com que as lentes parecessem flutuar em volta do seu rosto. É, aquela carinha enrugada não tinha amanhecido mal.

– Bom dia.

Bom dia?! Como o meu dia poderia ser bom?

Tudo isso durou apenas um segundo e minha tensão explodiu num choro convulso, num choro de alívio, um alívio tão grande quanto o do despertar do pior pesadelo da vida, quando se verifica que não há nenhuma razão real para o desespero, e que se está na segurança dos cobertores. Mas, no meu caso, eu deveria pensar que nada tinha mudado, que meu pesadelo só terminaria na morte ou que minha fuga nunca teria fim.

Não foi isso o que aconteceu: a entrada daquela mulher em vez do assassino de olhos frios foi como um despertar aliviado e eu não conseguia parar de chorar.

– Oh, minha filha, o que é isso? Calma, minha menina...

Ela sentou-se ao meu lado, abraçou-me e foi como se uma mamãe-pássaro tivesse chagado ao ninho e envolvesse os filhotinhos com as asas. Seus braços eram curtos, mas ela me aflagava, acariciava meu rosto, logo tirou um lençinho da bolsa de crochê e passou a enxugar-me as lágrimas com aquele delicado tecido de cambraia perfumada, bordado com pontos cheios, delicados, florezinhas miúdas...

– Ssss... ssss... – sussurrava ela, do jeito que se acalma uma criança que acabou de ralar o joelho. – Vamos, menina, o que foi? Calma... Você está precisando respirar, viu? Um pouco de ar há de lhe fazer bem. Vou abrir a janela e...

A senhora começava a levantar-se e eu segurei-lhe o braço, com força. E se fosse mesmo ele o homem que eu havia visto ali, na plataforma da estação? E se fosse mesmo o Especialista, que decidira ficar olhando cada rosto viajante em todos os vagões? Para ele seria fácil embarcar num pulo, logo que o trem se pusesse em movimento e, aí, eu não teria saída.

– Não, não, por favor... Eu preferia... preferia deixar as cortinas fechadas...

A doce senhora suspirou, passou de novo o lençinho pelo meu rosto, ajeitou-me os cabelos suavemente e sorriu.

– Está bem. Como você quiser, minha filha.

Minha filha! Era disso mesmo que eu estava precisando. De uma mãe, de alguém para dentro de quem eu pudesse voltar e dormir, flutuando em segurança.

– Obrigada, é que eu... as janelas...

– Como queira. Vamos deixá-las fechadas, se é assim que você quer. É que, quando viajo de trem, gosto de deixar meus pensamentos correrem com a velocidade, perderem-se, misturarem-se... É tão bonito viajar de trem, vendo a paisagem correr veloz lá fora... Quando a gente está parada, as recordações não se afastam, ficam martelando, martelan-

do, incomodam, não é?

Se era! Meus pensamentos, fixos no pânico como o de um ratinho que não sabe em que canto o gato se esconde, estavam petrificados em meu cérebro.

Soou o apito de partida e o trem pôs-se em movimento. Pronto. Eu não tinha sido reconhecida pelo assassino de olhos frios e agora arranjava uma espécie de mãe, de madrinha, de avó, para aplacar meu medo. Era disso que eu precisava, de um colo, coisa que há muitos anos ninguém me oferecia. Com o trem fora da estação, ninguém mais poderia descobrir-me dentro dele e a velhinha gostava de ver a paisagem. Resolvi agradá-la:

– Bem, acho que agora não faz mal se a gente abrir a janela...

– Você acha, minha filha? Ótimo, está mesmo quente hoje, não?

Ela mesma afastou as cortinas e levantou a vidraça da janela. O vento fresco entrou veloz e a senhora voltou a sentar-se ao meu lado. Novamente tomou minhas mãos nas suas e sorriu:

– Sempre gostei de viajar de trem. Para mim, sempre foi mágico o chuc-chuc ritmado a acompanhar o suave balanço dos amortecedores, como se esses gigantes de ferro fossem um berço antigo a embalar seu bebê. Tudo lembra minha infância, tão distante, quando o transporte ferroviário era a regra. Agora não. As rodovias tomaram conta do país e do mundo. Mas eu não sou de automóveis. Viúva, sem filhos nem parentes próximos demais, gosto mesmo é de viajar de trem.

Eu nunca havia viajado num trem de verdade. Até àquele momento, o tal chuc-chuc ritmado deveria mesmo é me trazer de volta a memória de uma distante visita a um parque de diversões, um passeio no Trem Fantasma, quando aquele barulhinho era a exata reprodução do chacoalhar dos esqueletos pendurados para assustar os pequenos passageiros. Eu havia ficado aterrorizada naquela tarde, mas agora adoraria sentir de novo aquele medinho, que toda criança sabe ser um medo de brincadeira. O meu medo, naquela manhã, não era nenhuma brincadeira.

Mas, ouvindo aquela mulher, aos poucos o ruído das rodas de ferro contra os trilhos começou a transformar-se mesmo no balanço de um berço de bebê.

Com o alívio, acho que sorri.

– Oh, oh! Vejo que estamos bem melhor agora, não estamos?

– S-sim...

A mulher ainda deixava sua mãozinha sobre a minha. No anular, havia duas alianças, grossas, antigas, de ouro.

– É, minha filha, eu sou viúva. As mulheres sempre duram mais do que os homens, não é? – informou ela, mal sabendo que, no meu caso, haveria um mulherzinha cuja vida duraria bem menos do que a daquele homem de olhar frio. – O meu falecido... sabe, menina, não há um só dia, uma só noite, em que eu não me lembre dele. Um bom marido. Hoje em dia está difícil encontrar um bom marido, não é? É claro que não falo de mim, imagine, casar-me novamente, na minha idade! O que eu poderia oferecer a um homem? Tudo o que tenho é muito passado, um tiquinho só de presente e nenhum futuro... Bom, mas este é claro que não é o seu caso! Você é muito lindinha e é muito nova. Logo, logo há de encontrar um maridinho maravilhoso, não é?

Ela falava sempre pedindo que eu confirmasse cada afirmação sua, mas não esperava pela resposta:

– Não tivemos filhos. Ah, não, que pena, não tivemos filhos. E eu queria ter dado à luz uma filhinha assim tão linda como você. Meu colo ficou vazio. Era só dele, do meu marido, um marido como poucos há neste mundo. Como ele trabalhou para me sustentar! E como trabalhava bem! No que ele fazia, era perfeito. Nunca houve um homem tão dedicado como ele. Depois que ele morreu, tive de assumir os negócios dele, apesar da idade. Mas não pense que eu uso a idade como desculpa. Ah, isso não! Aprendi com minha mãe a ser ordeira e também jamais deixar uma tarefa pela metade. Ah, meu marido haveria de se orgulhar de mim... Haveria de se orgulhar... Pobre do meu marido... Se estiver certa essa gente que diz que os mortos rondam os vivos que deixaram na Terra, ele há de saber que eu nunca iria envergonhá-lo. Não tenho medo do trabalho, sabe? Disso eu me orgulho e...

A mulher não parava de falar, era uma avalanche de palavras, e eu devo ter baixado os olhos ou, de algum modo, demonstrado a ela que aquela narrativa de seu desempenho no trabalho não tinha cabimento para mim numa hora como aquela. Observadora, a senhora parou a frase no meio e apertou minha mão com sua mão tão pequena:

– Oh, minha filha, desculpe... Eu tenho mania de falar demais. E você aqui, tão preocupada. Desculpe, desculpe mesmo. Você deve ter brigado com o namorado, não é? Isso de choro em rosto de mocinhas como você só pode ser mal de amor...

Balancei a cabeça, desanimada:

– Antes fosse, senhora, antes fosse...

Suas sobrancelhas franziram-se, inquiridoras:

– Oh, então, talvez, alguém doente? Ou, pior... Oh, desculpe, eu não devia...

Eu cortei:

– Falar em morte? Estou assim porque alguém morreu? Quase isso. Sim, é o medo da morte que me fez chorar. O medo da minha própria morte...

A mulher arregalou os olhos, como se tivesse ouvido uma blasfêmia:

– O que é isso? Você?! Não fale assim! É alguma doença? Mas você parece tão forte, tão saudável, tem a saúde e o vigor da juventude. Não fale essas coisas, porque...

Naquele momento, a porta da cabine abriu-se bruscamente. O susto me fez gritar e agarrar-me à mulher, que me abraçou. Ele me mataria, porque era para isso que ele servia, mas mataria também aquela senhora, que não tinha nada a ver comigo?

Aguardei a entrada do matador de olhos frios, mas era apenas o guarda-trem que me olhava, espantado pelo grito:

– Oh, perdão se eu assustei as senhoras... Eu só queria...

O que ele queria era somente picotar nossos bilhetes, não nossas vidas. Tirei o meu do bolso da calça, sem olhar o homem, e a minha companheira remexeu na bolsa de crochê:

– Ai, bolsa de mulher! Meu marido sempre dizia que o melhor esconderijo do mundo devia ser bolsa de mulher, porque a gente nunca encontra o que procura...

Afinal encontrou, o homem picotou seu bilhete e mais que depressa saiu, fechando a porta da cabine atrás de si.

Mais uma vez, atrás dos óculos sem aro, aqueles olhos claros fixaram-se bondosamente em mim:

– Pelo que vejo, o seu choro não é de amor. É de medo, não é? Medo de quê, minha filha?

A locomotiva levava a composição agora por cima de uma ponte longa, metálica, muito alta sobre um rio que corria no fundo do abismo. A velocidade não era grande, e a brisa que entrava pela janela trazia um perfume de mato molhado, como se minhas lágrimas tivessem regado a natureza.

Olhei-a também fixamente nos olhos. Eram dois pedaços de mar calmo, ensolara-

do, sem tempestades no horizonte. Mares para se velejar com segurança. As lentes dos pequenos óculos, flutuantes, davam a impressão de uma cortina de lágrimas a pairar no ar.

O consolo que aquela mulherzinha havia me trazido era uma porta aberta para que eu por ela entrasse e dentro dela me abrisse. Tive vontade de falar-lhe da minha sentença de morte, de desabafar, botar todo meu pavor para fora, e aquela doce criatura me oferecia o melhor par de ouvidos de que eu precisava, se estivesse procurando por audiência. Para ela eu poderia abrir meu coração, mas calei-me. Dividir com alguém aquele terrível segredo seria criar mais uma tarefa para o Especialista. Olhei para seu rosto como um náufrago que vê distanciar-se no horizonte o navio que poderia salvá-lo, porque sabe que nele não pode embarcar. Um nó de pânico voltou a entalar-se em minha garganta, calando-me e trazendo a desesperança de volta. Sem poder me controlar, eu tremia como de frio, corpo, mãos, lábios...

Ela me abraçou, apertado, envolvendo meu pescoço e aconchegando minha cabeça contra seu peito.

– Coitadinha... coitadinha... Ssss... Ssss... calma...

Eu sentia o cheiro suave do talco que aquela senhora havia usado após o banho, um cheirinho de mãe, de avó, um cheirinho de consolo... Com uma das mãos, acariciava-me os cabelos e percebi que levava a outra mão ao colo, remexendo na bolsa.

Foi nessa hora que compreendi tudo.

Afastei o rosto de seu abraço e encarei-a. Lá estava aquele rostinho bondoso e aquele olhar compreensivo que... e entendi. Por trás da maciez do olhar, percebi o cinismo, a ironia de sua atuação. Um só trejeito leve, no canto da boca levemente maquiada com um batom discreto revelava a verdadeira identidade, a real intenção da figura que tão oportunamente havia conseguido penetrar dentro da minha guarda. Que atriz!

Sim, aquela mulher ficara viúva e assumira os “negócios” do falecido. O falecido! O homem que trabalhava tão bem... Era perfeito, no que fazia, não tinha sido isso que a velhota dissera? Sim, e também que era muito ordeira e nunca deixava um serviço pela metade. É... naquele momento eu compreendi tudo: aquela senhora não deixava nenhuma tarefa por cumprir. Era eficiente. Era uma verdadeira... especialista!

Levantei-me e recuei para a janela. Eu sabia que não mais adiantava lutar. Logo aquela mãozinha delicada sairia da bolsa de crochê armada da pistola com silenciador e mais uma tarefa estaria cumprida na eficiente carreira do Especialista.



Apenas uma lágrima escorreu-me pelo rosto. Grossa, fervendo-me pela face. Não mais era a lágrima do desespero, do pânico. Era a última, era a lágrima da compreensão.

Não! O Especialista não venceria desta vez. Eu não tinha fugido até ali para ser mais uma das presas fáceis da carreira daquela assassina. Meu último ato teria de ser uma escolha minha. De costas para a janela, apoiei as mãos na beirada e joguei meu corpo no espaço, carregando meu terrível segredo para o abismo.

A última imagem que levei comigo foi a expressão de espanto da senhora, levando ao rosto, apertado na mão, quase tapando a boca aberta em surpresa, o pequenino lenço de cambraia bordado com florezinhas miúdas, em ponto cheio, que retirara da bolsa...

Eram tão delicadas aquelas flores!